

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

Tabelas de apreciação de alguns caracteres descritivos em Antropologia

POR

SANTOS JÚNIOR

Prof. Ext. da Faculdade de Ciências do Porto
Chefe da Missão Antropológica de Moçambique

Os caracteres descritivos, como o próprio nome indica, são os caracteres expressos de maneira mais ou menos exacta pelo simples emprego de palavras, isto é, por meio de qualificativos ou descrições.

Como é sobejamente conhecido em Antropologia, aos caracteres descritivos contrapõem-se os caracteres susceptíveis de mensuração, os quais, conseqüentemente, podem ser representados por valores numéricos. Estes são os chamados caracteres merísticos, objecto da antropometria.

Há antropologistas, fortemente influenciados por tendências matemáticas, para os quais têm marcada preferência os dados antropométricos. Outros preferem utilizar os caracteres descritivos.

Seria descabido desfiar considerações sobre qual dos dois critérios é o melhor. Ambos prestam excelentes serviços à Antropologia. É do estudo conveniente de uns e outros caracteres, da sua apreciação concomitante, que derivam os resultados mais frutuozos.

Os dois critérios são legítimos. As suas vantagens dependem, consoante os casos, do modo dos respectivos emprego e utilização, sem exclusivismos nem exageros.

Ora nem sempre tem deixado de existir tais exclusivismos e exageros, mesmo até para o estudo dos problemas gerais.

Certas escolas imprimiram um extraordinário incremento aos processos matemático-gráficos, aos métodos estatísticos, desenvolvendo muito a chamada Biometria, que, em certos aspectos, atingiu por vezes um grau superlativo de minuciosidade, desnecessária por improfícua. Assim sucede, por exemplo, com a fórmula proposta por Pearson (1) e utilizada por Morant (2) para a apreciação do maior ou menor grau de parentesco etnológico.

Esta fórmula, aplicada a duas séries, conduzia a um número, o coeficiente de similitude racial (coefficient of racial likeness), que se pretendia viesse a exprimir o maior ou menor grau de parentesco racial dos indivíduos das duas séries consideradas.

As reservas postas à prodigiosa fórmula pelos próprios dois citados autores, diz Montandon, «sont suffisantes pour rendre le sang-froid à qui aurait été ébloui au premier instant par la formule magique» (3).

Os que dão preferência aos caracteres descritivos, não deixam de trazer a campo argumentos de vária ordem tendentes a defender o seu método.

Montandon, ao criticar os exageros das escolas biométricas, escreve (4): «Pearson se perd en considérations philosophiques dans sa *Grammar of Science* et en cascades de formules dans ses mémoires spéciaux, Niceforo n'a qu'une page sur vingt qui con-

(1) Karl Pearson, *On the coefficient of racial likeness*, in «*Biometrika*», t. 18, fasc. 1-2, Londres, 1926, págs. 105-117. (Apud Montandon, *L'Ologenèse Humaine*, Paris, 1928).

(2) G. M. Morant, *A first study of the tibetan skull*, in «*Biometrika*», t. 14, fasc. 3-4, págs. 193 a 260, Londres, 1923. (Apud Montandon, *L'Ologenèse Humaine*, Paris, 1928).

(3) George Montandon, *op. cit.*, pág. 144.

(4) *Ibid.*, pág. 152.

vienne à l'anthropologiste, Davenport n'est qu'un *vade-mecum* contenant d'ailleurs de l'inutile. Même R. Martin (1) donne trop, sans explications suffisantes ou en expliquant avec trop de formules ».

Montandon (pág. 153), prossequindo na análise crítica do emprego do desvio padrão em vez do simples desvio médio, diz a propósito do primeiro: « Ne se laissant justifier ni mathématiquement, ni « philosophiquement », cette utilisation doit être considérée comme l'expression d'une volonté d'ésotérisme qui tiendra éloignés des méthodes biométriques ceux pour lesquels le coup d'oeil et le bon sens n'ont pas encore perdu leurs droits ».

Se é certo que houve exageros da parte das escolas biométricas, é necessário, porém, não exagerar o seu ataque, em extremismos apaixonados.

É justo reconhecer, serenamente, o que a Biometria tem de bom, e é muito. Também não devemos esquecer que mesmo aquilo que alguns proclamam como excessivo, deve ser considerado como um desejo louvável de reduzir à insofismável valia dos números, ou à síntese luminosa duma fórmula matemática, os complexos aspectos da somatologia humana.

A Biometria deve ser apreciada como uma tendência meritória no sentido apontado, tendência que infelizmente está longe de significar, em resultados concretos, aquilo que alguns dos seus apaixonados defensores apregoaram.

De modo algum se pode, entretanto, menosprezar o mérito duma justa observação directa, pelos muitos esclarecimentos que ela nos pode fornecer.

Nem sempre, porém, é fácil sistematizar, de forma bem concreta, aquilo que nos leva, após uma observação cuidada, a fazer suposições neste ou naquele sentido.

(1) R. Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.^a ed. Jena, 1928, 3 vols. com 1.816 págs.

Relatarei, a propósito, um caso passado comigo em Tete, quando em 1936, durante a 1.^a campanha dos meus trabalhos de Antropologia em Moçambique, ali estudei os Nhúngüès.

Durante dias e dias, sozinho, tendo apenas como auxiliar escrevente o Chefe da Polícia Sr. Luís dos Santos, observei caracteres descritivos e tirei medidas a 46 mulheres e 120 homens da mencionada tribo.

Esclarecerei que a concentração dos indígenas a observar e medir era feita tendo em vista a sua pureza tribal até à 2.^a geração, isto é, só eram aproveitados os que fossem filhos e netos de pais e avós Nhúngüès. Era uma tentativa de selecção.

Em determinado dia em que eu não fizera o costumado inquérito de reverificação da pureza tribal, por a selecção ter sido já realizada por um branco há muito guarda da polícia de Tete e tido como um funcionário cuidadoso, passou-se o seguinte facto:

Estava eu a observar e a medir um preto, ao mesmo tempo que ia ditando ao meu excelente colaborador e amigo Sr. Luís dos Santos os resultados das observações e medidas, quando, em dada altura, quase no fim da colheita dos caracteres descritivos, fiz este reparo ao meu auxiliar escrevente:

— Não sei porquê este preto não me parece Nhúngüè.

Contestou o meu amigo que essa minha opinião não tinha razão de ser, visto que o chamamento dos pretos para aquele dia havia sido feito por um dos guardas brancos em quem depositava plena confiança e a quem recomendara, como sempre, que só aproveitasse aqueles que fossem não só filhos de pais Nhúngüès mas cujos avós, quer paternos quer maternos, fossem também desta tribo.

Abalado por estas razões prossegui no exame dos caracteres descritivos do indivíduo em estudo. Quando ia já, talvez, a meio das 62 medidas que colhia em cada um, parei e disse resolutamente:

— Este preto não é Nhúngüè puro.

Queria referir-me à pureza étnica até à 2.^a geração.

O meu auxiliar escrevente e valioso colaborador tornou a defender o seu parecer, fortalecido pelos anos de convívio que tinha com os Nhúngüès de Tete.

Não me convenci então e tratei de inquirir do indígena a natureza da tribo do pai e da mãe.

Resposta: — Nhúngüès, senhor.

As perguntas sucederam-se.

— E o pai do teu pai?

— Nhúngüè, senhor.

— E a mãe do teu pai?

— Nhúngüè, senhor.

O Sr. Luís dos Santos ia anotando as respostas favoráveis ao seu ponto de vista.

Prosegui no inquérito e vim, afinal, a averiguar que a avó materna era Tauara, embora o avô materno fosse também Nhúngüè.

Depois desta averiguação pode concluir-se que havia qualquer coisa naquele negro que me levava a desconfiar de que se não tratava dum Nhúngüè puro.

Mas o quê? Proporções do corpo? Esta ou aquela particularidade facial ou cefálica? Características da pele ou do cabelo? Grau de prognatismo ou especial configuração nasal?

Muito sinceramente declaro que, tendo depois insistido demoradamente na observação daquele indivíduo, não consegui precisar o que me levava a descobrir a existência de sangue tauara nos respectivos ascendentes.

Havia, sim, qualquer coisa que se acentuava à medida que mais apurava a observação, afastando aquele indígena do cânon Nhúngüè, que eu delineara no meu espírito após 8 ou 10 dias de estudo daquela tribo, período durante o qual observara e medira já perto de uma centena de casos.

Essa «qualquer coisa» foi por mim apreendida durante o exame dos caracteres descritivos. Posteriormente fiz o estudo cuidadoso das medidas que tirei, comparando-as com as dos outros Nhúngüès até então observados. Pois tal estudo nada me dizia, por os números achados não mostrarem qualquer afastamento significativo (ao menos assim me pareceu) dos das medidas dos outros Nhúngüès.

Essa «qualquer coisa» distintiva daquele exemplar, entra-me pelos olhos. Não fora resultante das medidas tiradas. É bom, no entanto, não esquecer que também se mede com os olhos. As proporções, em que interferem várias medidas, apreciam-se olhando atentamente. Educar as qualidades de observação é instante preocupação em Ciências Naturais.

Depois do caso passado com aquele preto de Tete que, dado como Nhúngüè puro, apurei ter mistura de sangue tauara (por mais que insistisse nada consegui saber das tribos dos bisavós), os caracteres descritivos surgiram de maior importância ao meu espírito, sem, no entanto, haver qualquer menosprezo pelos caracteres merísticos.

Manuila, Sauter e Vestemeanu, num belo trabalho sobre correlações dos grupos sanguíneos e de caracteres morfológicos ⁽¹⁾, escrevem a pág. 11:— «si, des diverses tentatives de classification des races humaines, nous prenons l'une des plus solides et la plus récente, celle de Biasutti ⁽²⁾ nous découvrons que, sous

(1) Al. Manuila, M.-R. Sauter, M. Vestemeanu, *Étude de 16.685 corrélações entre le groupe sanguin et d'autres caractères morphologiques examinés en Europe Orientale*, trabalho do Institut d'Anthropologie de l'Université de Genève, publicado como anexo aos «Archives Suisses d'Anthropologie Générale», Genève, 1945, 65 págs.

(2) R. Biasutti, *Le Razze e i Popoli della Terra*, vol. 1, *Razze, popoli e culture — Europa*, Torino, 1941, 326 págs.

l'apparente rigidité des termes, l'auteur n'a pas pu — et n'a pas voulu — donner trop d'importance aux données exactes. Comme il le dit lui-même»: «È anche da tener presente che molti caratteri somatici sembrano essere legati da fenomeni di correlazione: il che può facilitare il loro aggruppamento ai fini di una classificazione dei tipi umani. Ma è bene soprattutto ricordare che la identificazione dei tipi razziali si basa essenzialmente su fatti di morfologia che sfuggono in gran parte alla misurazione, e che una classificazione delle varietà umane può esser condotta ancora senza alcun sussidio di cifre in base cioè a elementi puramente descrittivi» (1).

Isto deve estimular-nos a tentar descobrir, para cada agrupamento, quais os caracteres descritivos, não apenas mais patentes, mas sobretudo mais expressivos, capazes de, por si sós, se tal for possível, ou, mesmo, em associação com os caracteres merísticos mais salientes, nos permitirem uma averiguação segura, e tão rápida quanto possível, da filiação nesse agrupamento de determinado indivíduo onde tais caracteres existam.

Tudo quanto se fizer no sentido de facilitar e precisar o exame e a comparação dos caracteres descritivos constitui, pois, tarefa meritória. E assim é que nesse propósito os antropologistas têm organizado tabelas em que figuram desenhados um certo número de esquemas tipos, considerados como padrões.

O propósito é louvável, mas, como veremos, nem sempre tem sido possível atingi-lo eficientemente.

Trabalhei com algumas dessas tabelas ao estudar os pretos de Moçambique. A elas me referi em rápida análise crítica no

(1) R. Biasutti, *Le Razze e i Popoli della Terra*, vol. 1, pág. 241. Torino, 1941.

meu livro sobre Antropologia de algumas tribos do distrito de Tete (1).

Posteriormente, nas campanhas antropológicas de 1945 e 1946, que fiz nas províncias de Manica e Sofala, do Niassa e da Zambézia, continuei a trabalhar com essas tabelas, algumas já com alterações que lhe introduzi (2).

O presente trabalho é o resultado das tentativas de ajuste das referidas tabelas à observação e registo dos respectivos caracteres descritivos nos negros de Moçambique. Num ou noutro caso procurei imprimir-lhe carácter de maior generalização. Prossegurei nas campanhas futuras.

(1) Santos Júnior, *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique — Algumas tribos do distrito de Tete*, Porto, 1944, 416 págs., 204 figs. e 12 tab. fora do texto.

(2) Santos Júnior, *op. cit.*, págs. 48 e 51.

Forma do cabelo

Para apreciar a forma do cabelo utiliza-se correntemente a tabela de Martin (Fig. 1); utilizei-a também nos meus trabalhos em África.

Encontrei alguns tipos de carapinha que se afastavam nitidamente dos desta tabela, insuficiente para a apreciação do cabelo dos negros.

O primeiro reparo que se lhe pode fazer é o seguinte:

Para os cabelos longos, mais ou menos lisos, ondulados, encaracolados, ou frisados, há 7 esquemas, enquanto que para os cabelos curtos em tipo de carapinha há apenas 4. Esta desigualdade resulta, seguramente, de o autor da escala a ter feito partindo sobretudo do estudo da cabeleira dos europeus.

Afigura-se-me conveniente que para os negros se organizasse uma tabela especial e se assentasse num determinado número de princípios a seguir na apreciação daquele carácter.

Como é sobejamente conhecido, o aspecto que nos oferece a cabeleira dos negros varia, algum tanto, com o tamanho de cabelo, com o facto de este se encontrar seco ou molhado, e, ainda, com o modo e frequência com que é penteado; isto não falando dos múltiplos ingredientes, mais ou menos gordurosos, com que, em muitas regiões, os pretos besuntam as cabeças, e menos ainda nas chapadas de barro afeiçoadas de vários modos,

nomeadamente em bagas oblongas, que, depois de secas, constituem uma protecção argilosa e dura em forma de boné (1).

Neste caso é impossível averiguar da conformação e arranjo do cabelo, aglutinado e recoberto pelo barro seco.

Mas mesmo quando as carapinhas não são untadas com qualquer ingrediente e se nos apresentam em condições naturais, cabe perguntar: Onde deve incidir especialmente o exame? ou, melhor, qual a região que deve ser tomada como base desse exame? A parte superior da cabeça, vista em norma vertical, ou os lados da mesma quando observada em norma lateral ou occipital?

É frequente aparecerem carapinhas que na parte alta da cabeça nos mostram um aspecto lanoso contínuo (H ou I da tabela de Martin) e nas regiões laterais tufoz mais ou menos isolados (K ou L da mesma tabela) por vezes até quase em típicos grãos de pimenta. Esta diversidade de aspecto talvez advenha, em parte, da maneira como é cortado o cabelo.

Podíamos adoptar o critério da predominância, e assim, quando a configuração da carapinha, das regiões temporais, parietais e occipital se estender para o alto da cabeça, de tal modo que, embora existindo ali arranjo piloso de configuração diferente, o seja numa área restrita, o tipo de cabeleira a anotar será o das regiões laterais.

(1) Fernando Mouta, *Etnografia Angolana (Subsídios)*, África Ocidental Portuguesa (Malange e Lunda), Lisboa, 1933, 10 págs. e 40 Est. Neste esplêndido álbum, publicado pela 1.ª Exposição Colonial Portuguesa realizada no Porto em 1934, podem ver-se algumas fotografias de carapinhas afeiçoadas com argila. O cabelo destas carapinhas, diz o autor na pág. 6, começa por ser dividido em pequeninas tranças, sendo estas depois engrossadas, uma a uma, por uma pasta argilosa vermelha, preparada com «tacula» (*Pterocarpus tinctorius*, Welw), tomando o aspecto de bagas.

Se, porém, o lanoso contínuo da calote se estende para os

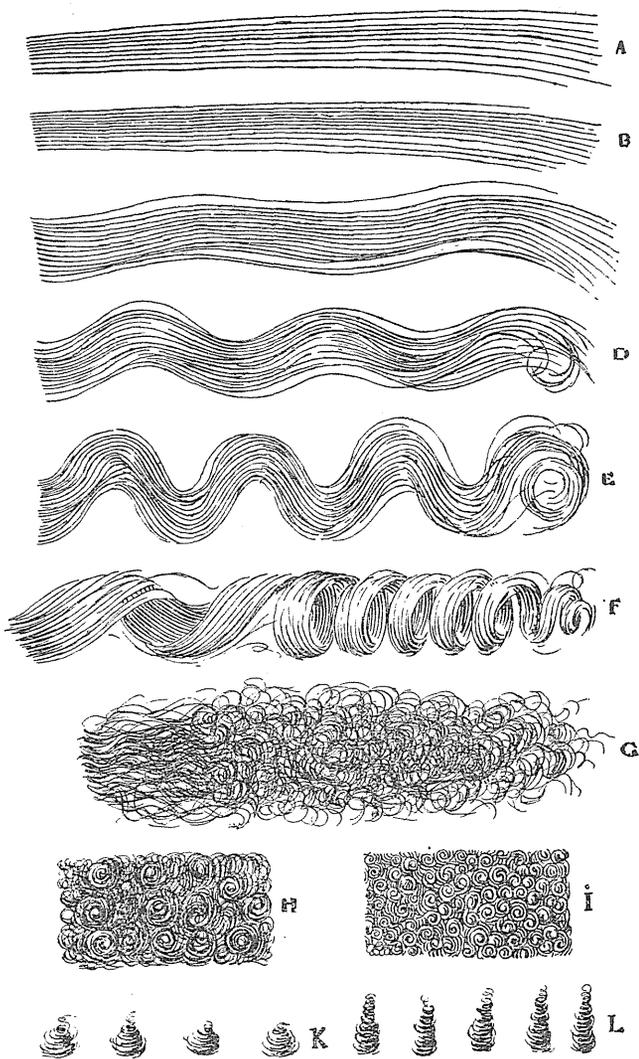


Fig. 1 — Tabela de Martin, para a forma geral dos cabelos.

lados e para trás, será este o tipo dominante e, como tal, o registado.

Por vezes as dificuldades são manifestas.

Parece, pois, que o melhor será registar os dois aspectos, quando haja acentuada diversidade. Assim diríamos, por exemplo: parte alta da calote com cabelo lanoso contínuo, tipo eriócomo (H da tabela de Martin); parte lateral da cabeça com cabelo em tufos ou glomérulos isolados, tipo lofócomo (K ou L da tabela de Martin).

De qualquer modo é necessário rever a tabela, a qual, como disse, tem 7 tipos para os cabelos das raças leucodérmicas e xantodérmicas e apenas 4 tipos para as raças melanodérmicas, nas quais o grau de variação do aspecto piloso é talvez maior do que nas raças brancas.

A dificuldade está na escolha conveniente dos respectivos padrões. Uma tarefa de tal natureza só pode ser devidamente realizada depois de largas, cuidadosas e pormenorizadas observações, feitas por vários observadores.

Os novos tipos que apresento, como acréscimo à tabela de Martin, constituem apenas uma singela e primeira contribuição para a organização duma nova tabela geral, ou, pelo menos, de uma tabela para as raças melanodérmicas (fig. 2).

Dos 4 esquemas da figura o superior esquerdo mostra o seguinte arranjo capilar: os cabelos reúnem-se espontâneamente em tufos ou glomérulos algum tanto volumosos, isolados e mais ou menos deitados. A sua distribuição faz-se à maneira de ilhotas, cada uma delas constituída por um único glomérulo oblongo.

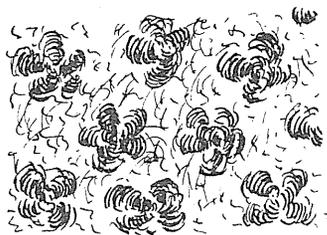
Este arranjo pode lembrar à primeira vista o tipo lofócomo ou em grãos de pimenta. Neste, porém, os tufos são mais pequenos por mais retorcidos e, além disso, crescem a direito, isto é, o eixo do tufo é aprumado e não inclinado ou deitado como no tipo que acabamos de descrever e a que podemos cha-

mar *diulótrico*, de *di(a)*, separação + *oulos*, tufo + *thrix*, *thricos*, cabelo (1).

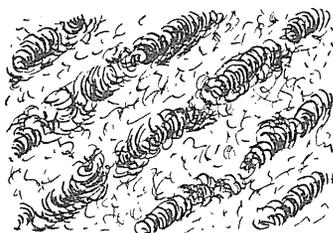
No esquema superior direito a distribuição do cabelo faz-se também às ilhotas, separadas umas das outras por espaços com alguns cabelos curtos e apenas arqueados.



diulótrico



sinulótrico



ortulótrico



camptótrico

Fig. 2 — Tipos de carapinhas de negros de Moçambique.

Aqui, porém, cada ilhota resulta do ajuntamento de um certo número de glomérulos, cada um deles muito mais pequeno que os tufo ou glomérulos do tipo anterior, e, em regra, com os

(1) Ao ilustre professor e distinto filólogo Prof. Doutor Francisco Torrinha devo a gentileza amiga de, a uma consulta que lhe fiz sobre o assunto, ter criado os 4 vocábulos com que designo os tipos de arranjo capilar desenhados na fig. 2 e que são, respectivamente, diulótrico, sinulótrico, ortulótrico e camptótrico. Aqui lhe deixo o testemunho do meu reconhecido agradecimento.

eixos convergentes. A este tipo chamarei *sinulótrico* (do grego *sin*, ajuntamento + *oulos* + *thricos*).

No esquema imediato, inferior esquerdo, os glomérulos ou tufolembram os do tipo diulótrico, mas o seu arranjo é agora às fiadas ou linhas mais ou menos rectas. A designação deste tipo podia ser *eutiolótrico*, do grego *euthy*, em linha recta, ou *ortulótrico*, do grego *orthos*, que também significa em linha recta.

Segundo opinião do notável dicionarista e antigo ilustre Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutor Francisco Torrinha, deve preferir-se o segundo, por ser mais corrente o emprego da raiz *orthos*.

No último dos quatro tipos os cabelos são apenas arqueados não chegando a enrodilhar-se uns nos outros. Designá-los-emos *camptótrico* (de *kamptos*, encurvado + *thrix*, *thricos*, cabelo).

A estes desenhos esquemáticos é bem possível que outros se venham juntar, de molde a poder organizar-se um mais completo quadro de esquemas tipos ou padrões, que permitam a classificação segura das diferentes variedades de cabeleiras das raças melanodérmicas.

Configuração geral do rosto ou contorno facial

Nas 4 campanhas realizadas em Moçambique, a face dos negros foi por mim estudada no seu aspecto mais ou menos achatado ou saliente, no grau de saliência das maçãs do rosto, e na forma geral do seu contorno.

Este era apreciada por comparação com a tabela de Pösch (fig. 3).

Ao observar a forma geral do contorno facial, encontrei alguns tipos que não enquadravam com nenhum dos da tabela referida, e daí o ter necessidade de os desenhar (fig. 4).

O tipo 7^a corresponde a um contorno facial que à primeira vista se parece com o 7 da tabela de Pösch. Note-se, porém, que este é classificado como rômboico, enquanto que aquele é nitidamente pentagonal e, no entanto, bem diferente do seu homônimo da mesma tabela, ou seja do n.º 10.

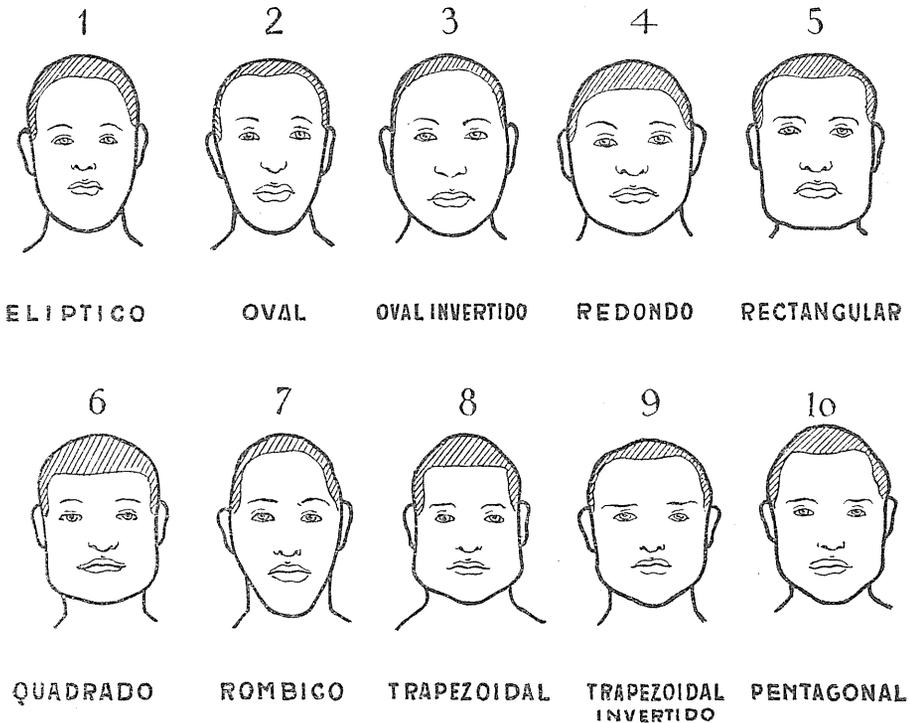


Fig. 3 — Tabela de Pösch para o estudo da configuração geral do rosto.

Neste mesmo esquema 7^a, se o queixo se espalma, se o indivíduo apresenta aquilo que em linguagem corrente se chama queixo quadrado, teremos uma configuração hexagonal que, apesar de tudo, talvez não deva constituir um novo tipo, dada a persistência da sua marcada similitude com o esquema 7^a desenhado na figura 4.

O esquema 8^a, no primeiro relance, aproxima-se do 2 da mesma figura da tabela de Pöch. Verifica-se, porém, que este é de tipo oval, enquanto que aquele é nitidamente pentagonal.

Nota-se ainda que o 7^a e o 8^a, apesar de serem ambos pentagonais, são bem diferentes.

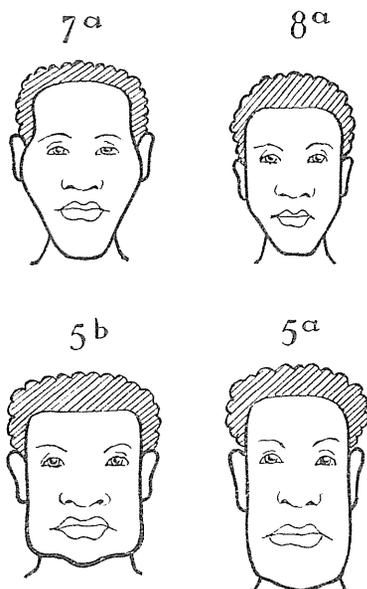


Fig. 4 — Tipos de contorno facial de negros de Moçambique.

Quer dizer: há casos em que, embora seja diferente o contorno, a similitude permanece; noutros casos, se bem que o polígono do contorno tenha o mesmo número de lados, ressaltam características que levam à criação de tipos diferentes.

O desenho do esquema 5^b comparado com o esquema 5 da tabela de Pöch, ambos rectangulares, mostra que basta uma pequena acentuação dos gónios e um maior desenvolvimento do queixo para que o contorno facial ganhe um novo aspecto, embora talvez não suficiente para a criação de um novo tipo.

Outro tanto não pode dizer-se do esquema 5^a. Este sendo um contorno facial nitidamente rectangular, a que poderíamos chamar, com propriedade, rectangular alto, parece poder constituir um novo tipo a juntar à tabela de Pöch.

Claro que não basta encontrar uma nova configuração de contorno facial, que por esta ou aquela circunstância se afasta dos desenhos da tabela, para que ela deva ser considerada como um novo tipo. Pode tratar-se de um caso esporádico de variação aberrante.

Mas, desde que esse novo tipo se observa repetidas vezes, parece que deverá figurar em nova tabela.

As considerações que expus mostram bem a manifesta dificuldade da representação esquemática e respectiva classificação, do contorno facial.

Não considero suficientes os elementos que possuo para propor a modificação da tabela de Pöch, por isso me limito a deixar indicadas algumas divergências flagrantes entre alguns casos observados e os tipos esquemáticos da referida tabela.

Nariz

O nariz é um órgão que, pela sua natureza e grau de variação, tem certo predomínio na morfologia facial, imprimindo-lhe, consoante a sua natureza, especial carácter. Daí a sua importância antropológica.

Se analisarmos o nariz visto de perfil nele temos de considerar: a raiz, porção juxta-frontal ou inter-ocular que pode ser alta, média ou achatada; o dorso; a ponta; o septo e o bordo das asas. Pondo de parte este último carácter, com os outros 4, ou sejam, raiz, dorso, ponta e septo, temos a linha do perfil nasal desde a região infraglabelar até ao ponto sub-nasal.

Se quisermos analisar em conjunto, e numa só tabela, esta linha de perfil nasal, as dificuldades são manifestas, pois é, por assim dizer, tentar resolver, a um tempo, uma equação de quatro incógnitas.

É uma das razões por que a tabela de Martin ⁽¹⁾ para o perfil do nariz é insuficiente, e toda e qualquer tabela para o perfil nasal encontrará sempre as mesmas dificuldades.

Eickstedt, ao tratar este mesmo assunto, adoptou o critério da simplificação. Este autor, no seu esplêndido livro *Rassenkunde und Rassengeschichte der Menschheit* ⁽²⁾, apresenta na fig. 266, as 5 formas do perfil nasal (fig. 5) que considera como as mais

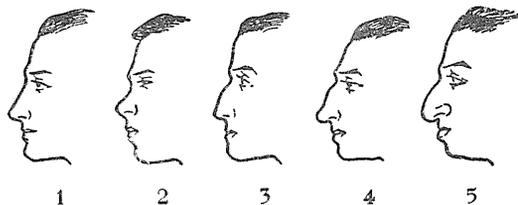


Fig. 5 — Esquemas da forma geral do perfil do nariz, segundo Eickstedt.

importantes. Como se vê apresenta-as desenhadas no conjunto global do perfil facial total.

Embora possa haver uma certa correlação entre os diferentes tipos de nariz e os vários tipos de testa, glabella, lábios e queixo, suponho que essa correlação não está ainda estabelecida. Daí a conveniência lógica e intuitiva de numa tabela dos perfis nasais figurar só o perfil que se pretende estudar.

⁽¹⁾ Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, cit., pág. 560, fig. 251.

⁽²⁾ Eickstedt, *Rassenkunde und Rassengeschichte der Menschheit*, Stuttgart, publicação iniciada em 1937 e ainda em curso. Até 1942 publicaram-se 1.512 págs.

Analisemos de per si cada um dos 4 elementos que constituem o perfil nasal total.

Raiz do nariz

A raiz do nariz pode apresentar grandes variedades de desenvolvimento desde a raiz alta, do nariz chamado em cavalete, até à raiz chata, própria, em regra, dos narizes pequenos e de perfil côncavo. Claro que entre os dois extremos há um estado intermediário de desenvolvimento, a raiz média. No entanto, na avaliação deste carácter, costuma-se, em antropologia, considerar os 4 casos de raízes, chata, achatada, alta e muito alta.

Tão expressivas são estas designações que tornam desnecessário o emprego de tabelas.

Dorso do nariz

Passando ao dorso do nariz veremos que o seu estudo analítico é simples, se abstrairmos dos outros caracteres da linha de perfil nasal.

Basta para isso que nos fixemos nos 4 tipos clássicos, a saber: rectilíneo, côncavo, convexo e sinuoso.

Isto afigura-se-nos mais expedito e, em certos pontos de vista, talvez fosse preferível à classificação pela tabela de Martin.

No entanto a objectividade dos esquemas tem tal valor demonstrativo que, dentro do possível, devem ser preferidos.

Aquelas 4 designações dão-nos imediatamente, por si mesmas, ideia concreta do dorso nasal; ao passo que o número da tabela de Martin obriga à consulta do desenho respectivo. Além disso, como este reproduz o perfil nasal total e não apenas o dorso, pode suceder os outros elementos pesarem de tal

modo no conjunto que o particular, que nos interessa, se dilua no todo.

O modo como o dorso e o septo influem na configuração geral do nariz pode avaliar-se pelos esquemas da figura 6, na

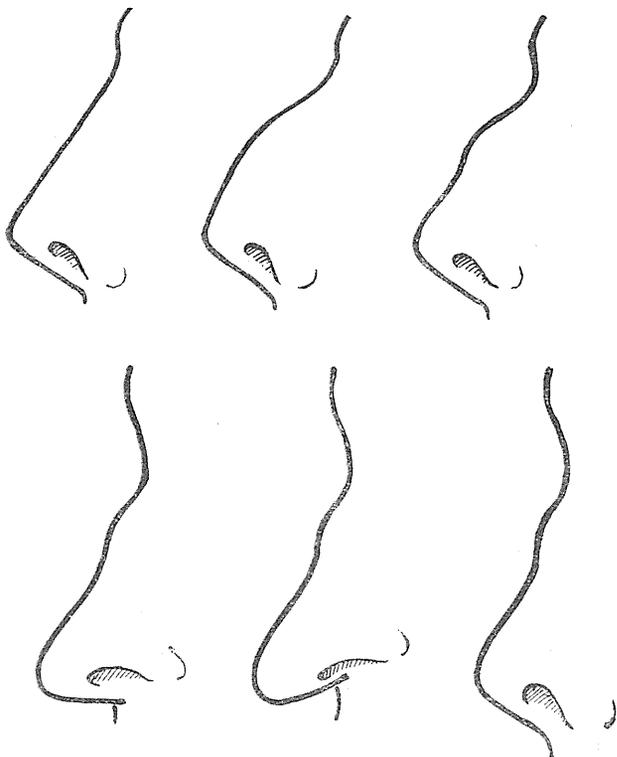


Fig. 6 — Esquemas de perfis nasais. Nos 3 de cima a linha do dorso é igual e diferentes os septos ; nos de baixo, dá-se o inverso.

qual desenhei em cima 3 narizes com o mesmo septo mas com perfis dorsais diferentes, e em baixo, pelo contrário, o dorso é o mesmo nos três e diverge a linha do septo.

Pelo que respeita à tabela de Martin, foi-me manifestamente insuficiente no estudo dos negros de Moçambique.

À mesma faltavam esquemas do dorso de perfil sinuoso e outros que tive de intercalar (fig. 7).

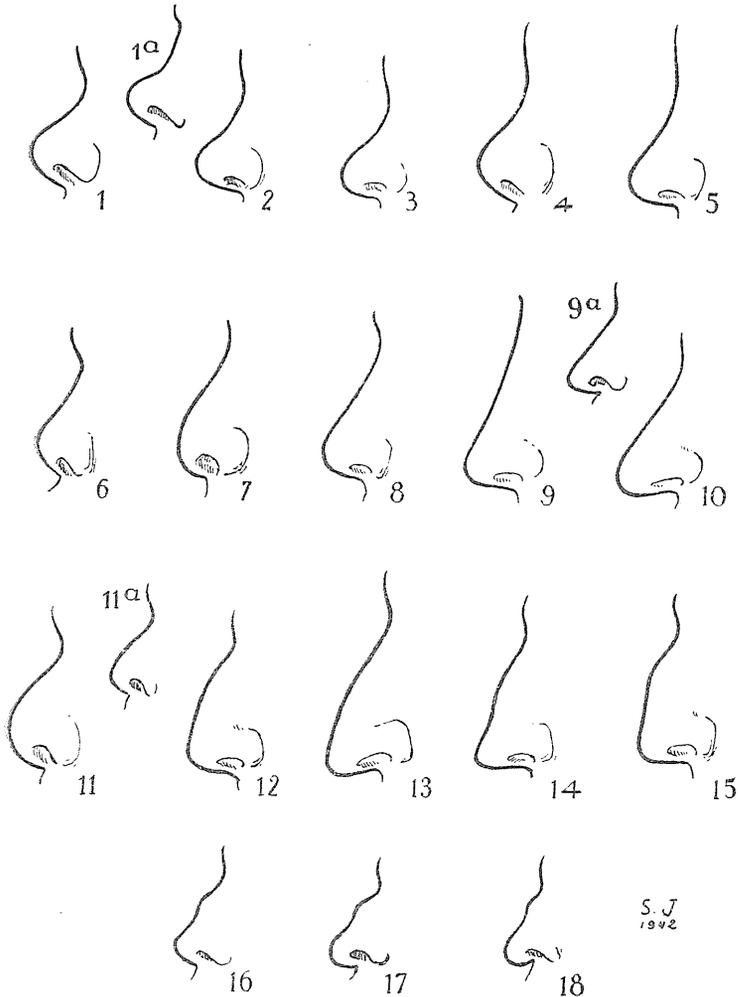


Fig. 7 — Tabela de Martin, para o estudo do nariz. Intercalei 3 esquemas e acrescentei outros 3, de 16 a 18.

Na apreciação destes esquemas que representam o perfil do dorso do nariz não podemos abstrair da ponta, das asas e do

septo, bem como da raiz, regiões que nos esquemas figuram como parte integrante dum todo.

E assim é que, para a apreciação singela do perfil do dorso do nariz, talvez fosse preferível, como disse, adoptar a classificação descritiva nos 4 tipos, rectilíneo, sinuoso, côncavo e convexo, em vez de seguir a comparação pelos esquemas da escala de Martin. Esta diz respeito não exclusivamente ao dorso, mas a todo o perfil nasal.

Ora para a apreciação de todo o perfil nasal os esquemas são de manifesta utilidade.

Adoptando, como base, a tabela de Martin, pareceu-me conveniente, num melhor ajuste dos factos analisados, organizar uma nova tabela que reproduzo na figura 8.

Claro que temos de evitar a pulverização dos tipos padrões, o que multiplicaria desmedida e desnecessariamente o número de desenhos.

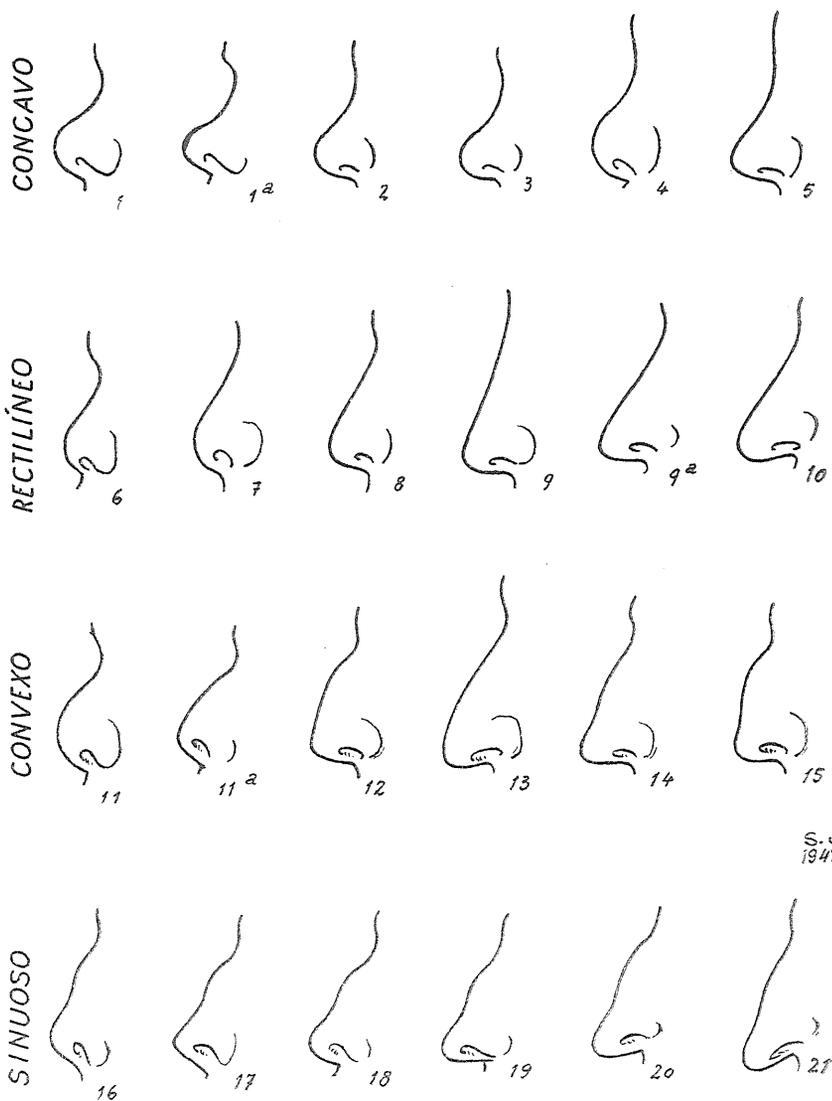
Procurei por isso apreender o grau de diversidade dos diferentes tipos da primitiva tabela de Martin e, sem ir além desse grau, introduzir novos esquemas que melhor satisfizessem, não só às necessidades da observação do perfil nasal nos negros de Moçambique, mas também ao estudo dos leucodérmicos metropolitanos.

É preciso não esquecer quanto de subjectivo pode haver na análise dos caracteres descritivos, mesmo até quando para isso dispomos de tabelas com tipos padrões. O sentido preciso da apreciação do delineamento geral deve existir naquele que observa dentro da justa medida, sem que o pormenor desnecessário venha sobrecarregar e complicar o que é fundamental.

A dificuldade na organização das tabelas dos caracteres descritivos está precisamente neste particular.

Dentro das naturais dificuldades de apreciação, em conjunto, dos 4 caracteres que coexistem no perfil nasal total, parece-me

PERFIL DO NARIZ



S. J.
1947

Fig. 8 — Tabela para o estudo do perfil nasal.

que a nova tabela da figura 8 oferece vantagens sobre a primitiva tabela de Martin.

Por disso estar convencido é que a organizei.

Igualmente estou convencido de que haja necessidade de lhe vir a adicionar novos tipos.

É de aconselhar que, na observação do nariz, independentemente da singela comparação com os esquemas da tabela, se façam desenhos do maior número possível de perfis nasais.

Assim fez Benkering (1), que, para ter uma ideia justa do perfil nasal da tribo dos Mentaweiers, de Sumatra, fez o seu desenho em 180 homens e em 22 mulheres, e assim tinha feito Basler (2), que, com a mesma finalidade, desenhou também alguns narizes de chineses.

Desde 1936, data da realização da 1.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique, em cada uma das quatro campanhas até agora realizadas, tenho feito o desenho de perfis nasais em algumas dezenas de negros, dentre os vários milhares que me foi dado ver e estudar. Ver Ests. VII a XVII.

Ponta do nariz

No que respeita à ponta do nariz, Weninger propôs uma tabela com estes 4 tipos: achatado, arredondado, em ângulo, e arredondado em ângulo.

Ao examinar este carácter nos negros de Moçambique encontrei muitos casos que não enquadravam com os tipos referidos.

(1) J. A. van Benkering, *Bijdrage tot de Anthropologie der Mentaweiers*, in «voorheen Kolonial Instituut», Amsterdam, 1947, pág. 118.

(2) Adolf Basler, *Die Nasenform bei Chinesen*, in «Zeitschr. F. Morph. u. Anthropol.», Bnd 3, págs. 559-563, Stuttgart, 1932 (apud Benkering *cit.*).

Acrescentei mais um, que, na figura 9, vai indicado com o n.º 2ª.

A tabela assim constituída pelos 5 tipos, achatado, arre-

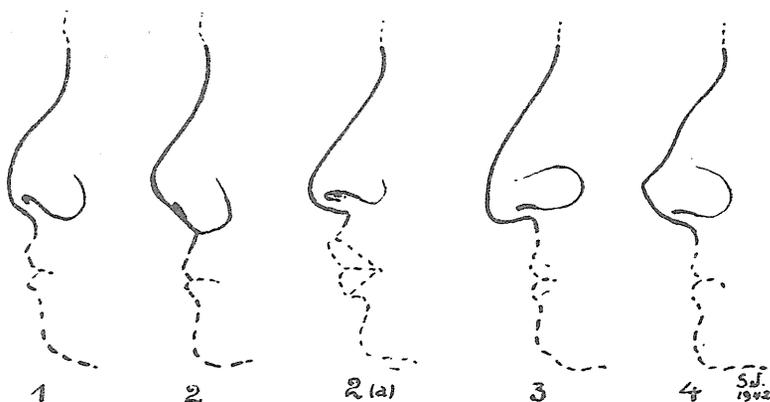


Fig. 9 — Tabela para apreciação da ponta do nariz.

dondado para cima, arredondado na horizontal, arredondado para baixo, e em ângulo, satisfizes plenamente às minhas observações.

Septo do nariz

O septo pode ser: levantado (nariz arrebitado), horizontal, e abaixado (nariz adunco).

O grau de levantamento ou abaixamento do septo pode ser variável; isso mesmo está posto em realce na tabela de Martin (fig. 7) onde os narizes de dorso côncavo são todos de septo levantado, embora em diferente grau, como os esquemas bem mostram.

Para o exame geral do perfil nasal bastará porém considerar os 3 casos de: levantamento, horizontalidade, e abaixamento, que dispensam o emprego de tabela.

Perfil nasal total

Pelo que fica dito, temos para a raiz, dorso, ponta e septo, ou seja para a linha do perfil nasal, um total de 16 variações.

Se quisermos representar em desenho todos os casos possíveis de associação ou combinação das referidas variações, obteríamos um grande número de esquemas.

Como disse, tive necessidade de intercalar alguns novos tipos à tabela de Martin. Se, apesar de tudo, quisermos adoptar essa tabela para o perfil nasal, — e em meu entender ela pode ser adoptada —, temos necessidade de a enriquecer com o total de, pelo menos, 24 esquemas, sendo respectivamente 6 para cada um dos 4 tipos da forma do dorso, ou sejam, 6 côncavos, 6 rectilíneos, 6 convexos e 6 sinuosos.

Designando por algarismos cada uma das variações morfológicas das 4 zonas ou regiões do perfil nasal no plano sagital, a saber: raiz, dorso, ponta e septo, podemos expressar o seu conjunto por um número de quatro algarismos, ou, melhor, por 4 algarismos separados por vírgulas, que revelam as variações dessas 4 zonas.

Assim, por exemplo, podemos representar a raiz chata, achatada, alta, e muito alta, pelos algarismos 1, 2, 3 e 4; o perfil do dorso rectilíneo, côncavo, convexo, e sinuoso, pelos algarismos 1, 2, 3 e 4; a ponta achatada, arredondada para cima, arredondada na horizontal, arredondada para baixo, e aguçada ou em ângulo, respectivamente por 1, 2, 2^a, 3 e 4; e o septo levantado, horizontal, ou abaixado, por 1, 2 e 3.

O perfil do nariz segundo o plano sagital poderá então ser apreciado por qualquer das seguintes expressões numéricas: 1, 1, 1, 1; 1, 2, 1, 2; 2, 3, 1, 3; ou outras semelhantes.

Adoptando este critério, o nariz dos Nhúngüès seria do tipo 2, 1, 2, 1.

Claro que, se dissermos que um nariz é de raiz achatada, dorso rectilíneo, ponta arredondada para cima e septo levantado, temos uma imediata e bastante perfeita ideia do perfil nasal no plano sagital.

No entanto, a expressão 2, 1, 2, 1, que representa um tal nariz, embora, por si só e para cada um dos indivíduos, seja menos clara, digamos, menos expressiva do que as designações correspondentes, tem a vantagem de, ao compararmos expressões numéricas representativas dos perfis nasais, imediatamente realça as semelhanças ou diferenças que houver.

Assim por exemplo: Antumbas, Chicundas, Sengas e Sereros, que observei no distrito de Tete, têm um perfil nasal sagital segundo a expressão 3, 1, 2, 1.

O nariz dos Atandes é do mesmo tipo do dos Nhúngüès, isto é, o seu perfil é expresso por 2, 1, 2, 1.

Quer dizer: Nhúngüès e Atandes, quanto ao perfil nasal, diferem dos outros grupos étnicos referidos apenas no achatamento da raiz, facto que a expressão numérica imediatamente realça.

Forma das narinas

Para a apreciação da forma das narinas dispúnhamos da tabela de Topinard, que me foi manifestamente insuficiente.

Nas duas primeiras campanhas (1936 e 1937), aos 6 desenhos esquemáticos estabelecidos por aquele notável antropologista francês, acrescentei mais 8 (fig. 10).

Posteriormente, nas outras duas campanhas (1945 e 1946), observei e registei os caracteres descritivos em perto de um milhar de indígenas. O amplo material observado permitiu-me rectificar

a tabela que já tinha modificado. Aumentei o número dos esquemas ou desenhos dos tipos padrões, de 14 para 19 (fig. 11).

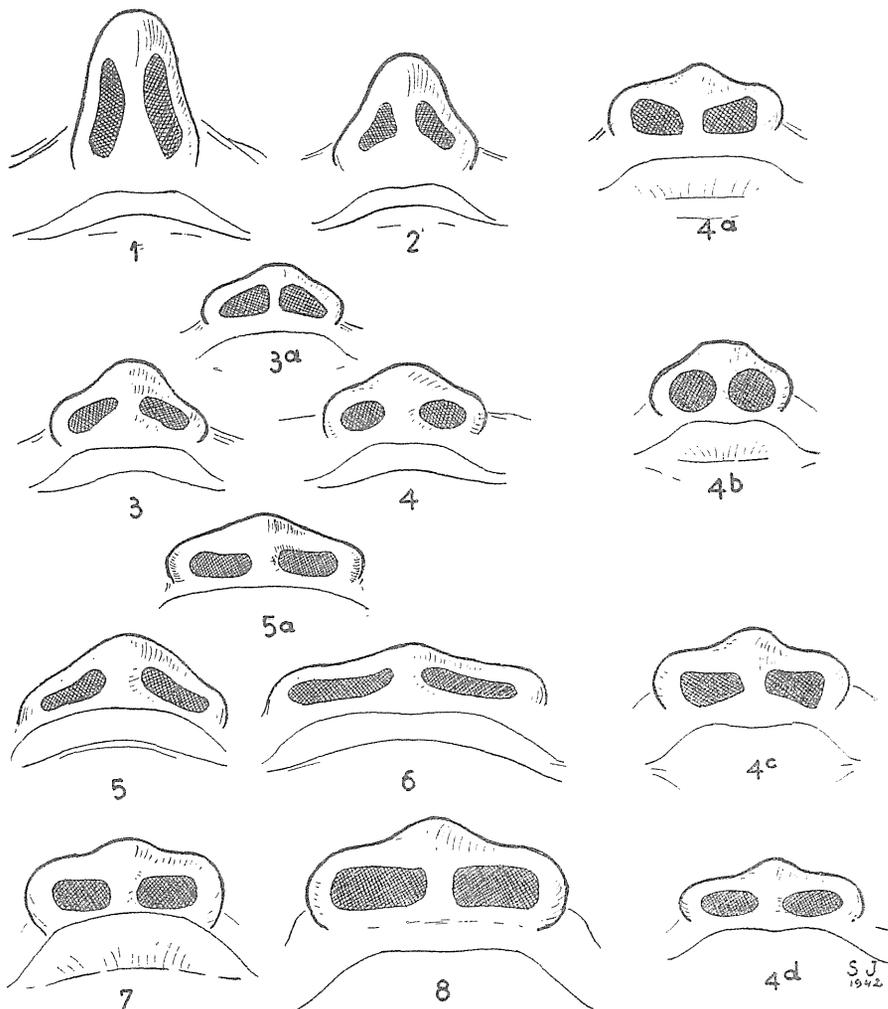


Fig. 10 — Tabela de Topinard, para apreciação da forma dos narizes, modificada por acréscimo de novos tipos.

Para o acrescentamento de novos tipos à tabela, não me bastava encontrar um caso de narinas que, por esta ou aquela

TABELAS DE CARACTERES DESCRITIVOS

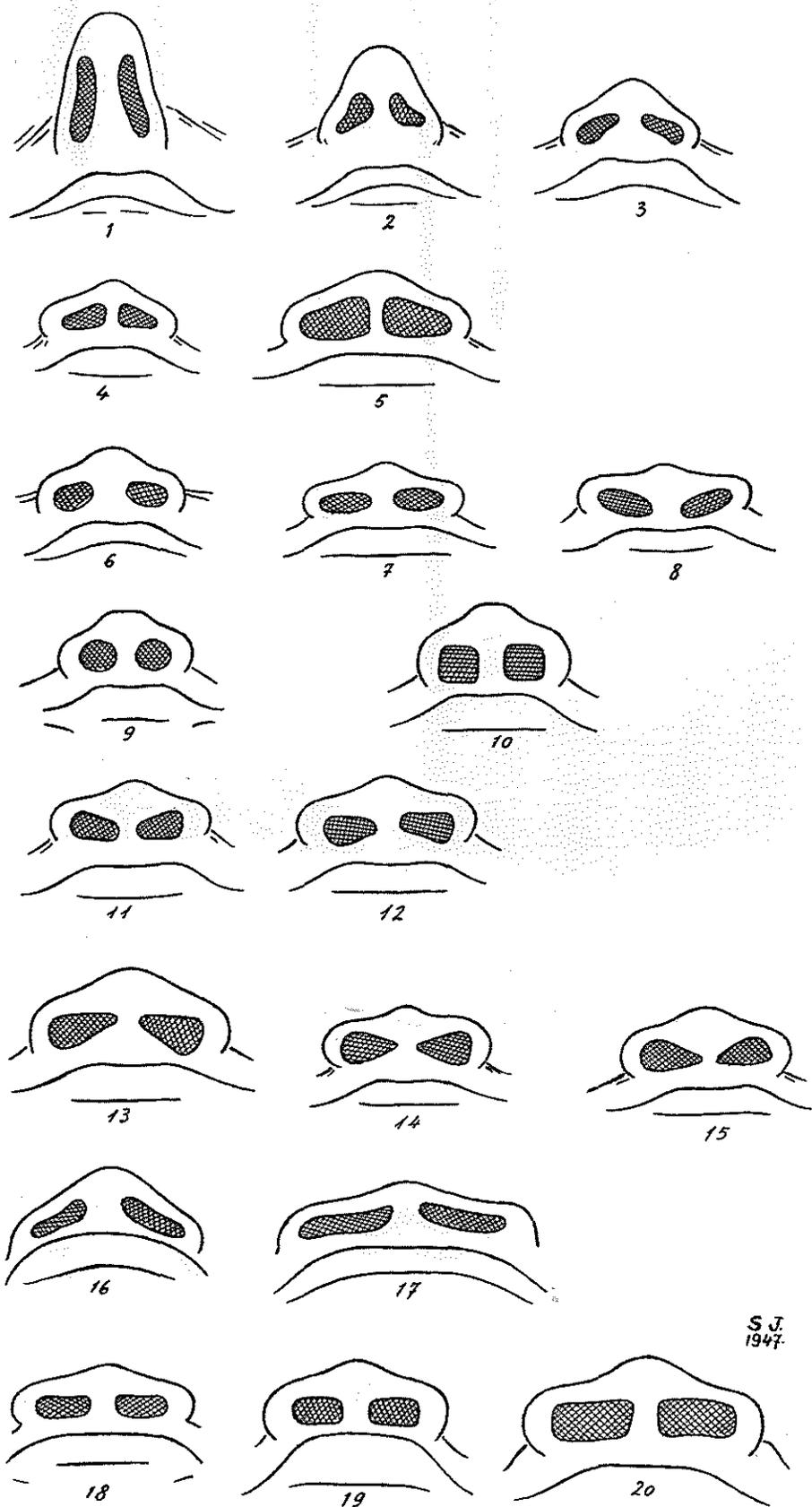


Fig. 11 — Tabela para apreciação da forma da face inferior do nariz.

Mesmo que restringíssemos a análise só ao lábio superior, a insuficiência era ainda patente.

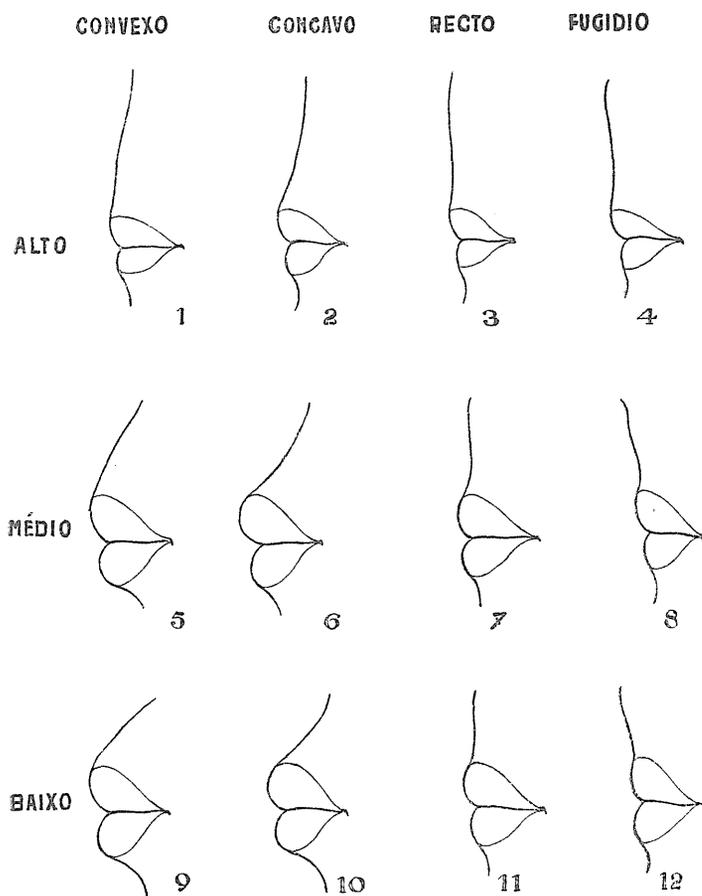


Fig. 13 — Tabela de Martin para a zona epidérmica dos lábios.

À tabela de Martin não possui o tipo sinuoso que tantas vezes me apareceu nos negros de Moçambique.

Além disso, parece lógico que se procure apreciar os lábios no seu conjunto, isto é, o lábio superior e o inferior como partes de um todo e, portanto, em análise concomitante. Tomar só em

consideração o lábio superior, como fez Martin, e não fazer a apreciação simultânea das duas referidas metades de um todo não me parece bem.

Veja-se, por exemplo, a figura 14, na qual os tipos 10^a e 10^b, ambos de lábio superior rectilíneo e inclinado para trás, são bem diversos em consequência de neles ser diferente o perfil do lábio inferior. O mesmo se pode dizer dos perfis labiais 1 e 2, reproduzidos na figura 15.

Quer dizer: parece lógico que devamos procurar fazer a observação total do perfil labial, e, para isso, na elaboração das

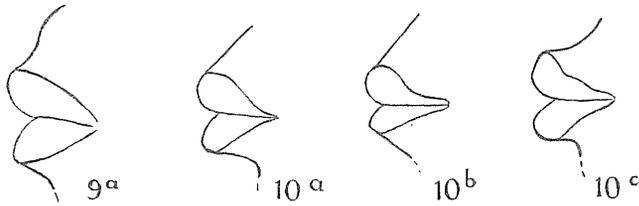


Fig. 14 — Perfis labiais de negros de Moçambique.

respectivas tabelas temos de entrar com a apreciação simultânea do lábio superior e do lábio inferior.

Influenciado por este modo de ver, tentei estabelecer uma tabela que me facilitasse a apreciação do perfil bilabial (parte epidérmica) dos negros.

Como o lábio superior, sem qualquer dúvida, tem no conjunto um franco predomínio, estabeleci, como mostra a figura 16, os 4 tipos dominantes de perfil recto, sinuoso, côncavo e convexo.

Dentro de cada um destes tipos, como se vê pelos respectivos esquemas, considero vários sub-tipos, atendendo ao grau de inclinação e ainda, pelo que respeita ao lábio inferior, ao seu perfil côncavo e rectilíneo.

Para a elaboração duma tabela geral, há que atender ao maior ou menor desenvolvimento do lábio superior no sentido

vertical, segundo os 3 tipos especificados na tabela de Martin e que são: o alto, o médio, e o baixo. Para o caso especial dos negros moçambicanos, a variação em altura foi de tão pequena

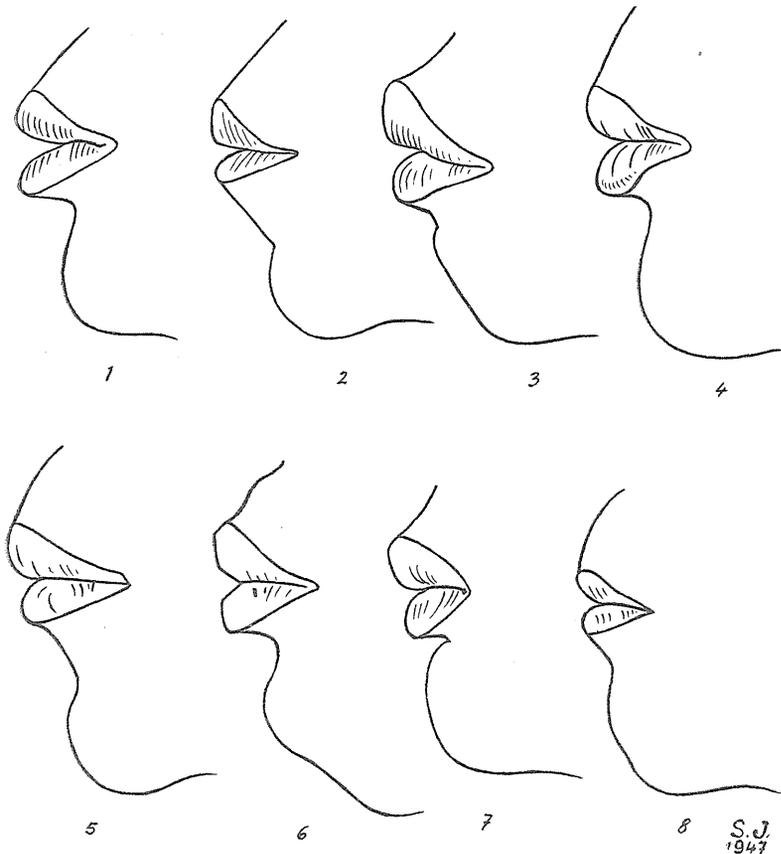


Fig. 15—Perfis labiais e do queixo de Aiauas que observei em Maniamba (Niassa).

amplitude que não senti a necessidade de a marcar na referida tabela.

A figura 15 mostra os perfis labiais e do queixo dos últimos 8 Aiauas da pequena série de homens desta tribo que, em 1946, observamos e medimos em Maniamba, circunscrição pertencente

ao distrito de Vila Cabral e situada na margem do lago Niassa.

Impressionado pelo grau de variação do perfil labial naquele

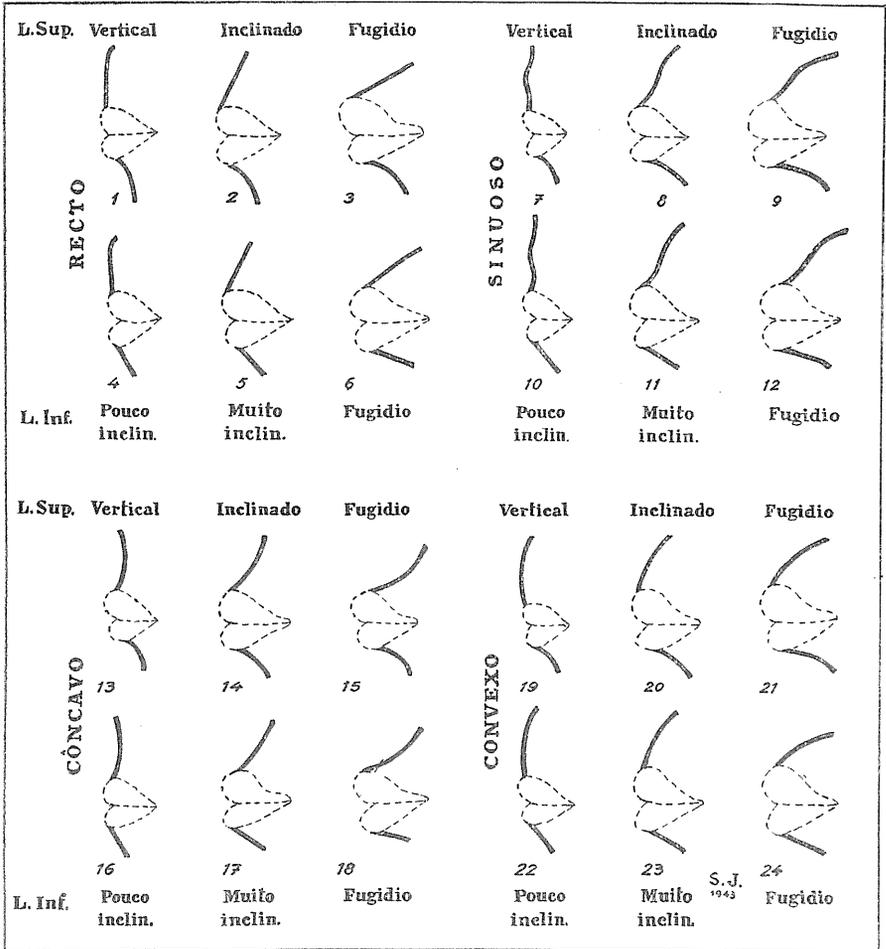


Fig. 16 — Tabela para apreciação do perfil bilabial, parte epidérmica.

lote de Aiauas resolvi desenhar alguns. Nos desenhos não deixei de reproduzir o perfil do queixo que, como se vê, também apresenta acentuado grau de variação.

Perfil facial total

Depois das considerações feitas sobre a apreciação de alguns caracteres descritivos, deles destaco os perfis nasal e labial que, seguindo-se um ao outro, constituem a zona média do perfil facial total, para cuja apreciação global falta apenas entrar em linha de conta com a fronte e o queixo.

Baseado em alguns desenhos que fiz, em bastantes esboços rabiscados à pressa, e, sobretudo, num grande número de fotografias, tentei esquematizar o perfil da testa e do mento de algumas tribos moçambicanas. Estes elementos, associados ao perfil nasolabial, dão-nos a linha do plano sagital, desde o tríquio até ao pescoço (ver Est. VII a XVII).

Conjugando todos esses elementos pude fazer uma tentativa de objectivação das semelhanças e das diferenças entre Nhúngüès e Antumbas, duas tribos de negros do distrito de Tete, das muitas que foram estudadas pela Missão Antropológica de Moçambique.

Os respectivos perfis faciais totais podem ser desenhados entrando em linha de conta com os seguintes dados:

Nhúngüès: testa alta, vertical e convexa; raiz do nariz, achatada; perfil nasal, o n.º 8 da tabela da figura 7; lábios (parte mucosa), grossos (ver a tabela da figura 12); lábios (parte epidérmica), o n.º 10 da tabela da figura 13.

Antumbas: testa alta, fugidia e convexa; raiz do nariz, alta; perfil nasal, o n.º 8 da tabela da figura 7; lábios (parte mucosa), grossos; lábios (parte epidérmica), o n.º 9 da tabela da figura 13.

Para a testa e queixo servi-me, como disse, de alguns desenhos e sobretudo de fotografias.

Entrando com o valor da altura facial total (tríquio-mento), com o grau de inclinação da linha compreendida entre estes dois pontos, e com as medidas de inclinação de outras porções de

perfil facial total, é possível vir a desenhá-lo com precisão. Esta linha tem, sem dúvida, interesse antropológico. Espero na próxima campanha da Missão Antropológica estudar o modo de obtenção preciso e fácil deste perfil facial total. Por agora, pouco mais faço do que aludir à sua importância antropológica.

CONCLUSÕES

I — Na observação e registo de alguns caracteres faciais surgiram-me, muitas vezes, embaraços no emprego das tabelas respectivas.

II — Algumas dessas tabelas foram-me manifestamente insuficientes nos estudos que, a partir de 1936, realizei em pretos de Moçambique.

III — Dada a grande importância dos caracteres descritivos para o estabelecimento dos diferentes grupos raciais, é de indiscutível conveniência ajustar as tabelas padrões de cada carácter às necessidades duma apurada observação.

IV — Às manifestas dificuldades para uma perfeita sistematização dos respectivos modelos ou tipos não devem constituir razão para se não prosseguir no aperfeiçoamento sucessivo das tabelas padrões.

V — No propósito de uma lógica simplificação, parece conveniente, ao menos para certos caracteres, tratar de organizar tabelas de aplicação restrita, e, assim, talvez haja conveniência — é esse pelo menos o meu parecer — em estudar a elaboração de tabelas de aplicação não a todas as raças indistintamente, mas a determinados grupos de raças. Estudar-se-iam, por exemplo, tabelas a aplicar na análise de determinados caracteres só nas raças negras e outras para os mesmos caracteres nas raças brancas. Exemplificando: numa tabela dos perfis labiais dos

negros, cujos lábios são normalmente mais ou menos grossos e muitas vezes associados a um prognatismo alveolar e dentário, mais ou menos marcado, não interessam os tipos característicos das raças ortognatas e de lábios finos.

No estudo da forma dos cabelos dos negros africanos que observei, nem uma só vez encontrei algum dos 7 primeiros tipos da escala de Martin (fig. 1), o que de resto é natural.

Parece, portanto, não oferecer dúvida que, para o estudo da cabeleira dos negros, aquilo que interessa é possuir uma tabela com os desenhos dos diferentes tipos de carapinhas.

VI — Conjugando os tipos médios obtidos no estudo dos caracteres descritivos e algumas medidas, podemos desenhar com relativa facilidade, e sobretudo com rigor, o perfil facial médio do agrupamento observado. A comparação dos perfis faciais médios das diferentes tribos duma raça ou de diferentes raças patenteará, de forma bastante demonstrativa, as respectivas semelhanças ou diferenças.